



Não estamos sós

Magda Biavaschi

Pós-doutora em Economia Social do Trabalho, pesquisadora no CESIT/IE/UNICAMP; professora de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP



LILIAN PRIMI

A segunda mesa do 5º Congresso Internacional de Ciências do Trabalho, Meio Ambiente, Direito e Saúde colocou os problemas vividos pelos trabalhadores brasileiros diante do cenário mundial, e mostrou que não estamos sós.

Provocado pela desembargadora aposentada Magda Biavaschi, pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (Cesit), da Unicamp; o sociólogo Ricardo Antunes conta sobre os movimentos de protestos que se deflagraram na Europa quando os índices de trabalho precário explodiram; a psiquiatra Edith Seligmann-Silva desvenda as mentiras e as crenças preconizadas de forma global pela ideologia neoliberal a respeito da velocidade, da saúde perfeita, da boa alimentação e da ‘paz e felicidade geral’, 24 horas por dia. E o advogado Silvio Luiz de Almeida aponta a responsabilidade do Judiciário e do Ministério Público nos golpes contra os trabalhadores e a democracia, ao analisar a relação entre o Direito, o Estado e a crise que atravessamos.

É Ricardo quem desenha a crise. “No mundo da explosão informacional e digital, mais do que nunca, milhões de homens e mulheres encontram-se em situações cada vez mais instáveis de trabalho, muitos milhões. Eles ampliam exponencialmente as fileiras do subemprego, do desemprego, das distintas formas de precarização do trabalho”, diz o sociólogo.

No Brasil, esse contingente chega a 30 milhões de pessoas, somando os 13 milhões de desempregados oficiais com os 6,8 milhões de desalentados e outros tantos subempregados em bicos e trabalhos ocasionais e intermitentes. “Os desalentados não entram na contabilidade do desemprego. E por que eles têm desalento? Porque procuram trabalho semanas, dias, meses, anos e não conseguem. Desistem”, explica.

Cerca de 850 milhões de pessoas nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Japão, Brasil, China e Índia são trabalhadores subutilizados, segundo estudo do Instituto Global McKinsey, uma consultoria de tecnologia autora da maior parte dos levantamentos de dados ligados a Tecnologia da Informação (TI). São os que vivem de bico, ficam fora dos números oficiais e formam o maior contingente dos que acabam aderindo às plataformas digitais de contratação de trabalho e prestação de serviços.

Este mesmo estudo mostra que nos Estados Unidos e nos 15 Países nucleares da União Europeia (EU-15), existem 285 milhões de adultos fora do mercado de trabalho e pelo menos 100 milhões gostariam de trabalhar mais. Entre os jovens, quase 75 milhões são oficialmente desempregados. Uma situação tensa, que aumenta o ressentimento entre as pessoas, o iso-

Ricardo Antunes

Sociólogo, professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Edith Seligmann-Silva

Psiquiatra, professora aposentada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas.



Silvio Luiz de Almeida

Jurista e filósofo, doutor em filosofia e teoria geral do direito, professor nas Faculdades de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade São Judas Tadeu.



De volta à escravidão - “Não tenho outra palavra”, diz Ricardo Antunes. “Nós somos escravos digitais na empresa moderna. O trabalho e os capitais financeiros exigem o trabalho flexível sem jornadas pré-estabelecidas, sem remuneração fixa, sem atividade pré-determinada, sem direitos- nem sequer o direito à organização sindical”, enumera. Edith também recorre à história escravagista do Brasil para tentar explicar a insensibilidade com os problemas das minorias. “Num país que teve escravidão, num país que, em certas regiões ainda se menospreza o trabalho físico, onde escravo ou empregado é quem faz trabalho físico, é como se houvesse pessoas que não são pessoas, não são seres humanos, são de outra espécie”, descreve Edith. A construção dessas subjetividades, desse modo de ver o mundo, na análise do advogado Silvio Luiz, é fundamental para o capitalismo, que o faz por meio do sistema de educação e de comunicação de massa. “Ninguém nasce trabalhador, ou capitalista, ou empreendedor. É preciso naturalizar, em primeiro lugar, a separação entre o público e o individual; entre o Estado e a sociedade civil”, explica o advogado.

Provocado por Magda, Silvio diz que os meios de comunicação trabalham para ajustar essas subjetividades, assim como a educação, e neste ponto, coloca o dedo na ferida. “Outro dia me perguntaram numa palestra, sobre como a educação é importante para combater o racismo. As pessoas ficaram chateadas, mas eu comecei dizendo que só tem racismo porque tem sistema de educação”, conta. Silvio argumenta que a condição para a existência de uma sociedade que naturaliza as separações e discriminações é a existência, também, de um sistema educacional que inculque esse tipo de mentalidade nas pessoas, de uma forma que seja suficiente para que elas a reproduzam nas suas relações de forma natural. “Não é por outro motivo que parte da sociedade entende como um mero aspecto cultural, o fato de negros e mulheres receberem os piores salários e trabalharem mais e mais horas, mesmo que isso contrarie as disposições legais”, provoca.

Precários, uni-vos - A reação dos grupos afetados pelo que Ricardo define como “tragédia global” começou na Europa com a união dos trabalhadores precários fora dos partidos políticos, em coletivos e associações, o que os analistas entendem como uma mobilização espontânea e que reflete a crise de representatividade dos partidos. Iniciando por Milão em 2001, os precários criaram uma marcha, a MayDay, hoje internacional. Desse movimento, e do humor tipicamente italiano, veio o San Precario, um santo protetor dos precários proposto na assembleia Precog (Precários e Cognitivos, como eles se definem) em Trento, em 2004. As assembleias Precog começaram em 2003 e reúnem os coletivos de precariados, como Reload, ChainWorkers, os editores da Infxoa, o Centro Social Tana di Trento e Infolab, de Bolonha, entre muitos outros. Formados na sua maior parte por jovens, imigrantes, qualificados ou não, que lutam por direitos e por uma representação autônoma, segundo Ricardo.

Com o estandarte do San Precario abrindo a MayDay desde 2004, os coletivos de trabalhadores precários se espalham pela Europa e pelo mundo, na esteira da expansão neoliberal. Ricardo fala de movimento parecido em Portugal, chamado “Geração à rasca”, que em 12 de março de 2011 reuniu entre 200 e 300 mil pessoas em Lisboa e outras tantas em 11 cidades portuguesas. Houve também manifestações menores, em frente às embaixadas de Portugal em vários países da Europa, da Espanha até a Alemanha.

San Precário

A ideia dos italianos de criar um santo protetor dos trabalhadores precários foi rejeitada pela assembleia de Trento, mas mesmo assim San Precario aparece pela primeira vez num domingo, dia 29 de fevereiro de 2004, em um Ipercoop de Milão (Ipercoop é um sistema de cooperativas de consumidores que opera a maior cadeia de supermercados da Itália). Será consagrado na marcha da Euro MayDay deste mesmo ano: o santo saiu na frente da marcha em uma procissão festiva com cerca de 100 mil precários e precárias. Hoje existe uma página só para ele na Internet (<http://kit.sanprecario.info/>), onde é possível conhecer, além dessa história, a oração à San Precário, baixar o santinho e ler os cinco eixos



da precariedade: renda, casa, afeto-amor-sexualidade, compartilhamento e mobilidade. E ele é o santo padroeiro de dezenas de coletivos e associações de precariados.

Geração à rasca

Nome dado a um conjunto de manifestações ocorridas no dia 12 de março de 2011 a partir de Portugal e convocado pelo Facebook e blog criados por um grupo de amigos: Alexandre Carvalho, António Frazão, João Labrincha e Paula Gil, chamaram “desempregados, ‘quinhentoseuristas’ e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, borseiros, trabalhadores-estudantes, mães, pais e filhos de Portugal” para um protesto pelo fim da precariedade. Entre 200 mil e 300 mil pessoas atenderam ao chamado em Lisboa, invadindo a Avenida da Liberdade, e também em outras 11 cidades portuguesas e nas embaixadas de Portugal em Barcelona, Londres, Berlim, Haia, Madrid, Lubiana, Luxemburgo, Bruxelas, Maputo, Nova Iorque, Copenhague e Stuttgart. Em 15 de abril de 2011, os organizadores iniciais do protesto fundam o Movimento 12 de Março e quatro dias depois, lançaram a Lei Contra a Precariedade, em parceria com os Precários Inflexíveis, o FERVE e os Intermitentes do Espetáculo e do Audiovisual.

Internacional MayDay

A primeira parada do MayDay aconteceu em Milão, em 2001, organizada por grupos anti-globalização que estavam montando um evento alternativo ao Fórum Social Europeu de Gênova. Era uma ação contra a precariedade do trabalho, um pedido de socorro, como sugere o nome. De Milão estendeu-se para Barcelona, em 2004, e por toda a Europa em 2005, formando a rede EuroMayDay. Estima-se que o número de participantes aumentou de 5 mil pessoas em Milão em 2001, para cerca de 200 mil em 2005. Em 2006, apesar de alguns grupos terem desistido do processo, o número de cidades e de manifestantes cresceu: 300 mil pessoas fizeram a marcha em 20 cidades. Atualmente existem grupos dedicados a organizar a marcha do MayDay em Amsterdam, Barcelona, Berlim, Bremen, Copenhague, Estocolmo, Genebra, Gent, Gornja Radgona, Hamburgo, Hanau, Helsinque, Áquila, León, Liège, Lisboa, Londres, Liubliana, Málaga, Maribor, Marselha, Milão, Nápoles, Palermo, Porto, Sevilha, Terrassa, Tübingen, Viena e Zurique. A partir de 2006, a rede estendeu-se para além do território europeu e passou ter marchas em Tóquio (a primeira fora da Europa), Fuchu, Fukuoka, Quioto, Machida, Sapporo, Sendai, Toronto e Tsukuba.

Precários inflexíveis

Filhotes do MayDay em Portugal, os Precários Inflexíveis (PI), surgiram em 2004 para ocupar o vácuo que havia, de discussões e ações em torno das questões da precariedade em suas várias faces. Movimentando-se a partir do blog e organizados em rede, os PI definem-se como “precários no emprego e na vida”, denunciam a precariedade e fraudes em todos os setores e pretendem ser uma alternativa à organização sindical tradicional. Bastante ativos, possuem ligações com os seguintes movimentos: Agir Ensemble Contre Le Chômage (França), Chainworkers (Itália), Comando Precario (Itália), EuroMayDay Belgium (Bélgica), EuroMayDay (Europa), Génération Précaire (França), Il Manifesto (Itália), MayDay Sur (Espanha), Precarias a la Deriva (Espanha) e Telekermados (Espanha). <http://www.precarios.net/a-associao/manifesto/>

Dessa manifestação surgiu o Movimento 12 de Março e também os Precários Inflexíveis, citado por Ricardo. Uma associação com estatuto, regulamento interno e um manifesto de dez laudas, além de um canal de denúncia para todo tipo de mal feito contra trabalhadores.

Na Espanha eles se chamam Movimento dos Indignados e aconteceu também em 2011, quase simultaneamente a Portugal. “Eram jovens lutando contra as altas taxas de desemprego na Espanha. Jovens de 18 a 23 anos chegaram até 53% e 54% em taxa de desemprego. Os outros 46 ou 47% deles, na melhor das hipóteses, só teriam chance de ter um emprego precário. Por isso explodiu esse movimento dos indignados. Estudando ou não, estariam sem perspectiva de uma vida digna”, explica o sociólogo.

Burguês e proletário de si próprio - Na vida real, o que resta a este contingente de jovens homens, mulheres, brancos, negros, indígenas e imigrantes é buscar uma alternativa. E, segundo Ricardo, o empreendedorismo é uma ideia sedutora. “Porque é legítimo que muitos não queiram ser subalternos assalariados, dependentes, e sonhem com o mínimo de autonomia”, diz. E um apelo forte, porque a outra alternativa é o trabalho voluntário, que na economia neoliberal, tornou-se um dos requisitos para abrir as portas dos processos seletivos, mas que segundo Ricardo, desemprega milhares de trabalhadores.

Por trás do que se chama inovação empresarial e empreendedorismo, há, segundo o sociólogo, uma tragédia global, que assedia e adocece. “Posso dar muitos exemplos. Sobre o sistema de metas, essas metas são os elementos mais decisivos para os assédios, os adoecimentos, as depressões e para os suicídios, para não falar nos acidentes de trabalho”, afirma, lembrando que a terceirização generalizada, incluindo atividades de alto risco, aumenta a vulnerabilidade. “Na França, durante o processo de privatização da Telecom França, aconteceram mais de 50 suicídios. Na França, que não é país com tradição de suicídio. Não estamos falando do Japão”, conta.



Precários Inflexíveis (PI) definem-se como precários no emprego e na vida.

Uma situação tensa

Brasil 247



Filas de pessoas em busca de emprego no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo - 2019.

A onda de suicídios citada por Ricardo Antunes entre os funcionários da ex- France Télécon (hoje Orange), atingiu 60 trabalhadores e aconteceu entre 2006 e 2009 em decorrência de um programa de privatização, que envolveu a demissão de 22 mil empregados e realocação de outros 14 mil. Em 2016, sete anos de investigação depois, a Justiça francesa abriu um processo contra o grupo e seu ex-presidente, Didier Lombard, acusando-os de assédio moral. Episódios de surto como esse, e também os índices de adoecimento mental entre trabalhadores, seguem aumentando no mundo todo e não ficam restritos ao universo do trabalho.

No Brasil, em 2017, episódios depressivos, um dos vários tipos de transtornos mentais que afetam os trabalhadores, geraram 43,3 mil auxílios-doença. Foi a 10ª doença com mais afastamentos. No mesmo ano, outros 28,9 mil trabalhadores se afastaram por transtornos ansiosos e mais 20,7 mil passaram a receber auxílio da previdência por terem transtorno depressivo recorrente. O total de benefícios concedidos pela Previdência em 2017, relativos a transtornos mentais e comportamentais, foi de 178.268. A psiquiatra Edith Seligmann-Silva explica, em sua palestra na tarde do primeiro dia do Congresso, que este quadro é um reflexo da situação tensa em que as pessoas estão mergulhadas com a expansão da doutrina neoliberal.

Clínica geral e especialista em somatização antes de se tornar psiquiatra, Edith diz que na nova organização do trabalho, as pessoas vivem com medo, desconfiadas, incertas com quem elas ainda podem contar, se ainda tem amigos no lugar de trabalho, e por isso, terminam se isolando. “As pessoas se fecham e começam a ter dor no estômago ou pressão alta, por exemplo. As pessoas estão se sentindo injustiçadas e ficando com muita raiva. Quando todo mundo se fecha e não consegue mais se abrir para o mal-estar do outro, não é só o salve-se quem puder que todos nós sabe-

Movimento dos Indignados



No mesmo ano de 2011, e quase ao mesmo tempo que em Portugal, surgiram uma série de protestos semelhantes na Espanha, chamados Movimento 15-M, Indignados ou Spanish Revolution. No primeiro, no dia 15, cerca de 130 mil manifestantes protestaram contra “medidas anti-sociais nas mãos de banqueiros” em Madri (20 mil), Barcelona, Múrcia, Granada, Málaga, Alicante e Valencia. No dia seguinte começou um acampamento na praça Puerta Del Sol, que foi se firmando aos poucos, enquanto outros protestos pipocaram pelo País e mais cidades aderem. No dia 18 de maio já eram 52 cidades.

Apesar da natureza pacífica das assembleias e ocupações, foram registrados vários incidentes de violência e a tensão com a polícia, que cercava e controlava todas as aglomerações, era uma constante. A onda de manifestações – e a ocupação da Puerta Del Sol – atravessou as eleições e só começou a se dispersar no final de maio, depois que a polícia desalojou de forma violenta os manifestantes da Praça Catalunya, em Barcelona, sob a justificativa de “motivos de salubridade” e por causa do jogo do FC Barcelona, que se realizaria no dia seguinte. O movimento continua ativo, com ações gerenciadas pela página do Facebook: (<https://www.facebook.com/movimento12m/>)

Desemprego

Global:

5,6% em 2017, o que representa mais de 192 milhões de pessoas. O relatório atribui a tendência positiva registrada entre 2016 e 2017 principalmente ao forte desempenho dos mercados de trabalho de países desenvolvidos, onde se projeta que a taxa de desemprego cairá em 0,2 ponto percentual em 2018, atingindo 5,5%.

América Latina e Caribe:

Queda apenas marginal, passando de 8,2% em 2017 para 7,7% até 2019. Considerando que a taxa de desemprego regional chegou a 6,1% em 2014, a região ainda está longe de se recuperar completamente das perdas de emprego dos últimos anos.

Norte da África:

Deve diminuir de 11,7% em 2017 para 11,5% em 2018, a maior do mundo, com altas taxas entre os grupos de mulheres e jovens, os mais vulneráveis. O número de desempregados permanece estável em 8,7 milhões.

África Subsaariana:

Estabilizada em 7,2%, mas o número de pessoas sem emprego vai aumentar em um milhão este ano, por conta dos altos níveis de crescimento da força de trabalho na região. Ali, mais de um em cada três trabalhadores vive em condições de extrema pobreza, enquanto quase três em cada quatro trabalhadores estão em empregos vulneráveis.

América do Norte:

Em queda. De 4,7% em 2017 para 4,5% em 2018, graças ao crescimento dos mercados do Canadá e dos Estados Unidos.

Estados Árabes:

8,3% em 2018, o que representa quase 5 milhões de pessoas, um terço delas mulheres. A força de trabalho feminino é de apenas 16% da total na região. A tendência é de que esta taxa, que teve leve queda este ano, volte a subir em 2019.

Ásia e Pacífico:

Estável em 4,2% até 2019. As projeções mostram de 2017 até 2019, o grupo de pessoas empregadas vai ter 23 milhões de pessoas a mais. Quase metade do total de trabalhadores na região – 900 milhões de pessoas – estão em empregos vulneráveis.

Norte, Sul e Oeste da Europa:

Em queda. De 9,2% em 2016 para 8,5% em 2017, a menor desde 2008. Espanha e Grécia têm as maiores taxas da região – 15,4% e 19,5% respectivamente – e irão registrar também as maiores quedas. A taxa de desemprego também deve continuar a cair em 2018 na Itália, Irlanda e Portugal, estável na França e leve crescimento no Reino Unido em 2019.

Leste da Europa:

Leve queda. De 5,5% em 2017 para 5,3% em 2018, principalmente por que a melhora da situação na Polônia, Ucrânia e Eslováquia está sendo parcialmente anulada pela crise na República Tcheca, que tem projeção de aumento do desemprego.

Ásia Central e Ocidental:

Estável em 8,6% ao longo de 2018 e 2019. Os mais de 30% dos trabalhadores que estavam em um emprego vulnerável em 2017 serão 0,6 ponto percentual mais até 2019.

FONTE: Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT); Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências 2018, jan. de 2018.

mos que existe, é mais do que isso. É realmente um fechamento muito triste”, lamenta. Vem deste isolamento, segundo Edith, a falta de compaixão que leva pessoas a acharem aceitável queimar os pertences e agredir quem foge da fome em seu país de origem.

“O que acontece? Por que está todo mundo sendo submisso?”, pergunta. A resposta envolve as expectativas e sonhos e as grandes mentiras a que somos expostos, começando pela possibilidade de uma relação pacífica entre capital e trabalho. “As leis foram feitas levando em conta direitos conquistados ao longo de anos de lutas, então é uma grande mentira que não há embate entre capital e trabalho. A doutrina neoliberal, que na verdade é uma ideologia construída por interesses hegemônicos, favorece um lado e procura deixar subserviente o outro”, afirma. A psiquiatra diz que os princípios dessa doutrina refletem na economia, política e no mundo do trabalho e atingem as pessoas em um fluxo contínuo que afeta a saúde mental.

Nessa “ideologia da competição” pregada pelos neoliberais, segundo Edith, é vergonhoso ficar cansado, não dormir bem à noite e demonstrar ansiedade; é vergonhoso adoecer. Dessa forma, se adoecemos realmente, mentimos que não. “Tudo isso é muito ruim, então, é melhor participar de uma coisa que tenho chamado de a ideologia do contentamento. Todos têm que ficar contentes dentro da excelência. Estamos todos satisfeitos e as empresas fazem aquelas ‘maravilhosas’ pesquisas de satisfação”, diz Edith. E finalmente, o falso caminho do empreendedorismo. “Há um livro de autores portugueses que se chama *A falácia do empreendedorismo*. É um estudo de como o mundo está sendo iludido”, garante. A ciranda de mentiras segue nas questões mais modernas, em torno do trabalho flexível. Segundo a psiquiatra, aqui a mentira é “que na flexibilidade existe uma liberdade muito maior para todos: para empresas e para trabalhadores; querendo vender a parte maravilhosa e escondendo a parte negativa”, diz. A mentira permeando tudo. E deixando a vida sem sentido.

A desembargadora Magda Biavaschi lembra que antes da reforma trabalhista, podia-se fazer valer a vontade coletiva, a partir de um patamar garantido por lei. Hoje, com a reforma, parte-se de outro pressuposto, de que a essência das relações de trabalho está no encontro livre das vontades individuais. Supõe-se que estes “indivíduos livres, racionais e utilitaristas”, como diz Magda, iguais entre si em força, encontram-se num “ambiente livre de qualquer obstáculo, para achar o ponto de equilíbrio, a norma ótima que vai reger suas relações interpessoais”, diz, com ironia, a desembargadora. Uma omissão da verdade contida nas relações de contrato entre capital e força de trabalho.

Edith termina dizendo que o enfrentamento do futuro exige coragem política. “Temos estudado, aqui no Brasil e também na Alemanha, Inglaterra, França, muito sobre os novos tipos de adoecimento provocados pelo gerenciamento perverso que invadiu o mundo, que deixa as pessoas prisioneiras, sem tempo próprio, sem vida própria, escravos realmente. A gente precisa dessa coragem de reação e de uma comunicação sincera entre as pessoas, que desapareceu”, concluiu.

A falácia do empreendedorismo

Adriano Campos e José Soeiro

<https://jornalggn.com.br/blog/antonio-ateu/livro-a-falacia-do-empreendedorismo>